

Canudenses na cidade de São Paulo: trajetórias.

Telma Bessa Sales¹

Summary: The study it is part of the thesis of doutoramento in the carried through area of Social History in the PUC/SP. It understands an inquiry on experiences of canudenses migrantes in the city of São Paulo, the period of 1950 the 2000, not as a homogeneous unit, but as citizens of the proper action, valuing the cultural aspects, its marks, memories, desires, as well as the constitution in the social city, work, relations and ways of life. It presents reflection on daily of the these migrantes workers front to the challenges of the gift: the fight for the survival in the metropolis, solidarity between the countrymen. The methodology procedure if gave with Verbal History: interviews with canudenses that inhabit in the south zone of the city of São Paulo and keep alive the bridge that binds to São Paulo /SP the Canudos/BA.

O texto pretende discutir as experiências e trajetórias de canudenses: homens e mulheres originários de Canudos, localizada no Nordeste do Estado da Bahia, a 410 km de Salvador que migraram para São Paulo entre as décadas de 1950-2000.

E um grupo que durante as últimas décadas se organizou como canudense, o que implicou assumir como centro de suas definições como grupo, a identidade nordestina e canudense. Estes possuem trajetórias diferentes com suas marcas, memórias, utopias, desejos, embalados também pelas histórias de vida de seus antepassados, que viveram a guerra de Canudos, cujo estudo reflete a própria história do nosso país e de seu povo.

Esta temática sobre as memórias de Canudos é pertinente e atual. É um assunto referencial da história do Brasil, consolidado na historiografia e que está presente em várias instituições como universidades, igrejas, associações, dentre outras, constituindo desta forma, um mosaico rico e plural de análises e leituras.

O presente artigo porém, não trata desta reflexão. Abordará a pluralidade dos modos de vida dos canudenses em São Paulo. Privilegiando os aspectos culturais deste grupo, sua presença e constituição na cidade, destacam-se pontos como as relações sociais, lazer, desejos, trabalho, sociabilidade, enfim, modos de ser e de viver.

Esta forma de abordagem implica em relacionar dentro da temática do processo migratório, as trajetórias destes, as memórias e interpretações do vivido através de narrativas realizadas por eles.

¹ Bolsista pesquisadora – CNPQ/FUNCAP/UFC

O estudo sobre nordestinos compõe uma reflexão mais ampla que aborda os processos de deslocamentos populacionais na sociedade brasileira atual e no mundo. A investigação sobre as experiências e pluralidade de nordestinos naquela que é a maior cidade nordestina do país, sinaliza para uma discussão ampliada e contemporânea dos movimentos de populações no Brasil.²

Considerando a amplitude desta reflexão, vale destacar que, a análise do processo de deslocamento e migratório neste trabalho, está presente, não somente através de planilhas e estatísticas, bem como através das experiências dos sujeitos que dão sentido as mudanças que vivem, recriando e re significando suas práticas sociais. Em suas narrativas, os canudenses atribuem significados às suas experiências e a si mesmos, explicitando os modos de vida na cidade de São Paulo e de que forma nela se sentem inseridos.

Procurando compreender como os migrantes canudenses foram se instalando na Zona Sul da cidade³, foram selecionadas narrativas de três gerações de canudenses. Eles pertencem a famílias pobres de Canudos, trabalharam na roça com os pais e hoje, vivem em São Paulo.

A chegada na cidade foi comum a todos, cada um com uma trajetória diferente e em diversas temporalidades. Neste quadro percebem-se alguns elementos comuns entre estes, presentes de maneira mais intensa ou não, como o estranhamento do lugar e os diferentes modos de vida, o impacto da chegada, os espaços de diversão, a relação com a família que vai se ampliando, na medida em que a vida na cidade exige outras formas de organização de moradia, o ritmo alterado pelo trabalho, etc.

Nesta dimensão pode-se indagar o que significa viver em São Paulo nas diferentes épocas. Nas narrativas dos canudenses aparece com força, a mudança na forma de se constituir na cidade. Em certa medida, a maneira de viver foi se alterando com o passar dos anos. Por exemplo, hoje, uma “rede” criada e estabelecida por eles oferece alguns elementos favoráveis à convivência que não existia na década de 1950, quando o Sr. José Macedo chegou num pau de arara e se hospedou na Hospedaria dos Imigrantes no Bairro do Brás.⁴

² É possível através de dados estatísticos perceber a presença de nordestinos em São Paulo, além das marcas culturais que estes constituíram na cidade. No entanto os deslocamentos de canudenses e sua fixação não estão quantificados. Os dados auxiliam para contextualizar a população nordestina em São Paulo, mas é insuficiente para dar conta do movimento específico de canudenses. Segundo Censo do ano 2000 há na cidade de São Paulo 9.1 milhões de nordestinos, sendo que 19.7% são baianos, 20.7% são mineiros, 12.9% e 34.3% são de outros Estados.

³ Sobre a Zona Sul: O bairro de Santo Amaro funciona como pólo central da Zona Sul com condomínios residenciais, hotéis, multinacionais. Tem uma população de 218.558 habitantes, possui 01 terminal de ônibus, 03 corredores de ônibus e 02 estações do metrô. Concentra as pessoas da periferia sul que procuram empregos. Há 43 favelas distribuídas na região. Extraído do site *ciudades@prefeitura da cidade de São Paulo*.

⁴ Cf. PARDINI. Maura Bicudo Veras. *O bairro do Brás: um século de transformações no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. Tese de doutorado, São Paulo, PUC/SP.

As mudanças e alterações ocorridas neles próprios, na viagem e na cidade são pontos importantes nas histórias das três gerações de canudenses. Se por um lado, se encontram os chamados “desbravadores de terra” e a vida na São Paulo dos anos 1950 foi construída sem redes de apoio, como aponta a narrativa do Sr. José Macedo, há também aqueles que chegaram nas décadas posteriores 1980, como o Sr. José Dantas e Gilberto Nascimento que têm suas marcas de vida enquanto trabalhadores fabris no ABC paulista e encontraram conterrâneos residentes na cidade que ajudaram na indicação de trabalho, na definição de moradia, lazer, e existem ainda, aqueles que desembarcaram na cidade no ano 2000, como o Roberto Santos que sabiam da existência de uma “rede” de apoio consolidada, e de alguns elementos “favoráveis” e “facilitadores” concretos para problemas de espaço de moradia e trabalho, de certa forma “garantidos”.

Este grupo é plural e o movimento de saída da terra natal faz parte da vida deste. Conforme as narrativas, desde crianças ouvem histórias dos primos e tios que saíram de Canudos para “ganhar a vida” em São Paulo ou Salvador. Esta marca da saída e chegada revela uma dinâmica de identificação e solidariedade entre eles, em que se ajudam e se apóiam e, aponta ainda que a dinâmica de vida neste grupo, em seu cotidiano mantém o fio estreito de ligação entre eles que estão em São Paulo e aqueles que estão em Canudos.

Dentro deste movimento, é possível analisar o trabalho da memória, que é vivido em um presente onde há tensões, diferenças. A mudança para São Paulo era, anteriormente vivida como destino, ou seja, desde criança eram alimentadas esperanças de um dia viajar pra cidade grande, pra ascender socialmente.

Viver na cidade de São Paulo refaz esta maneira de perceber este movimento. Dos anos de 1950, com a chegada de José Macedo até o ano 2000, com a chegada de Roberto Santos, observa-se claramente uma alteração na concepção desta dinâmica.

Há um questionamento do que significa mudar pra São Paulo hoje. O sentido deste movimento atualmente é cheio de dúvidas, decepções e importa, compreender os significados e representações da memória, os sentidos que foram construídos por eles em suas vidas cotidianas, na reafirmação enquanto sujeitos.

Os canudenses compõem um grupo bastante heterogêneo e há pessoas que expressam o modo de viver em São Paulo como uma conquista, satisfação e realização pessoal como também há outros que afirmam não gostar de viver na cidade.

Entre os entrevistados, eis três exemplos de narrativas: Aquelas narradas por José Dantas que chegou em São Paulo no dia 10 de abril de 1968, as narrativas de Antônio Pereira que saiu de Canudos em 1995 e aquelas narradas por Roberto Santos que desembarcou no

Terminal Rodoviário Tietê no ano 2000. José Dantas narra sua história:

Telma: Conta como foi sua viagem e chegada à São Paulo?

José Dantas: Minha viagem foi, antes de eu sair, um pesadelo. A gente tinha um sonho pra vir pra cidade. Pra conhecer gente diferente e outros lugares. Passei um ano só no pensamento, só planejando porque uns tinham vindo e não voltavam mais...Foi muito diferente mesmo. Muito prédio alto, a gente que só via serra, enxada, cabra... Mas trabalhei, tenho família e São Paulo foi tudo pra mim, pai e mãe e tudo que tenho devo a São Paulo.⁵

Quando indagado sobre a vida na cidade, Antônio Pereira fala:

Vim em 1995, na verdade eu nunca quis vir, nem sei dizer como foi que eu vim, resolvi bem rápido, meu irmão falou que era pra eu vir e eu vim, estou aqui até hoje... Quando eu cheguei eu sofri muito, passei uns três meses sem arrumar emprego (...) ia morar com o irmão, depois saía ia morar com primo. Depois casei, tenho filho e estou na luta, no trabalho. Consegui comprar um barraco e estou até hoje. (...) A vida aqui tem muita ilusão, São Paulo acabou, eu mesmo não penso morar em São Paulo.⁶

A partir da pergunta de como foi a viagem e a chegada na metrópole paulista, a narrativa de Roberto Santos indica:

O pessoal da Bahia pensa que aqui é o céu, mas não é não, aqui só é bom por causa dos recursos, mas não é o que a gente pensava. Quando eu cheguei fiquei um mês desempregado, aí como já tinha conhecido na firma, aí me ajudaram. Foi mais fácil, lá tem meus primos, meu irmão... Na firma tem muitos nordestinos e a maioria é baiano.⁷

Vimos opiniões e processos diferenciados que revelam as trajetórias diversas do grupo. A Saída de Canudos não se resolve com uma decisão instantânea, ou num ímpeto, como sugere a fala de Gilberto Nascimento, nem como um sonho segundo afirmou José Dantas. A coragem e o medo das mudanças e do desconhecido estão presentes durante todo o tempo, numa espécie de tensão que dinamiza as potencialidades de cada um.

Essas trajetórias são ricas. As diferenças são gritantes e apontam que as memórias estão relacionadas com a própria dinâmica e a vida dos canudenses. Estes fazem uma leitura diferenciada do movimento de saída de Canudos para São Paulo, através dos tempos. A partir de suas relações sociais no bairro, e entre eles, por causa destas experiências, construíram uma nova forma de analisar este movimento de ir e vir. Pode-se relacionar esta dimensão da

⁵ Entrevista realizada em sua residência por Telma Bessa em dezembro de 2003.

⁶ Entrevista realizada por Telma Bessa, dez/ 2003.

⁷ Entrevista realizada Telma Bessa dez/ 2003.

memória como prática social, pois inclui decisões e visões atuais de um movimento antigo entre eles, qual seja de considerar a cidade de São Paulo como destino.

Ambos viveram a experiência comum da saída de Canudos e neste momento, relatam suas vidas afirmando as conquistas, decepções e o desejo ou não de viver em São Paulo. Este processo de saída e chegada é bastante diversificado entre eles, e é importante considerar que eles próprios avaliam-no como um processo em transformação constante.

Uma questão importante a ser destacada é uma alteração da memória por eles re significada. Ou seja, viajar hoje pra São Paulo não tem mais o mesmo sentido que antes. Esta cidade não é mais divulgada por eles mesmos como nos anos de 1968, 1970. Anteriormente a imagem divulgada e noticiada na comunidade era a de uma São Paulo que acolhia os trabalhadores, que estes teriam um status social por ser da família Volkswagen , Mercedes Benz, ou outra grande indústria, que ali era o maior pólo industrial e oferecia uma vida melhor.

Nos vários momentos em que alguns entrevistados discutem suas vidas em São Paulo, há o reconhecimento da importância de estar na cidade e os benefícios conquistados. Ao mesmo tempo da afirmação positiva dessa mudança que representa ter trabalho, casa, salário, fica evidente que esta fala é válida imediatamente na comparação com Canudos que não apresenta essas possibilidades.⁸

Nesta dimensão trabalhar com memórias significa trabalhar com um campo de disputas e diálogos. Desta forma, cabe pensar as narrativas destes canudenses não apenas como informações, mas aliadas à observação destas enquanto práticas sociais, visto que são expressões de um viver social, carregadas de significados e expectativas.

Cada narrativa é expressão da reelaboração das “tramas” individuais vividas por cada um. Numa experiência compartilhada, valiosas vivências e reflexões sobre suas histórias de vida as vezes se completam, as vezes se contradizem. O modo de cada um desses indivíduos constituir o viver urbano é heterogêneo, e essas diferenças são manifestadas, pela forma de refletirem sobre suas experiências sociais que se forjam nesse contexto.

Como indica PORTELLI, a memória é um processo individual que se torna social e concreta, quando verbalizada, e, portanto, traz dimensões coletivas dessa experiência vivenciada. Para este autor, a memória não é um depósito, algo estagnado, mas ao contrário,

⁸ Canudos é um município pobre. Tem hoje 13.760 habitantes. Em 1991 o censo de renda familiar revelou que 65,26% dos chefes de família recebiam remuneração entre até um salário mínimo e 3, 22% declararam-se sem rendimentos. 45,70% das famílias são indigentes. A economia é voltada para atividade agropecuária, destacando-se criação de ovinos e caprinos. A agricultura é voltada para subsistência com plantação de milho, mandioca e feijão. Documento Plano de Saúde – UNEB/1998/2001.

está em constante mutação: “ *Se considerarmos a memória um processo, não um depósito de dados poderemos constatar que, a semelhança da linguagem, a memória é social...*”⁹

Cada experiência é dividida, uma vez que grande parte das pessoas que migram tem experiência semelhante de partida, neste sentido, é social, porque as experiências são sociais. E é social também porque é social a linguagem que lhe passam. No caso dos migrantes canudenses, quando uma pessoa vai contar sobre a migração, usa uma linguagem que foi construída junto com outros, a partir da experiência de migração. A linguagem é um prática social, as histórias contadas aos migrantes são modificadas, considerando-se que estes migrantes contam e recontam histórias que já foram ouvidas/contadas.

Na perspectiva de trazer à tona experiências de canudenses que afirmam e reafirmam a vida resistindo, reconstituindo a si próprios, é importante perceber elementos culturais advindos de Canudos que permanecem e/ou se modificam na vida em São Paulo.

Como se observou, as gerações de canudenses convivem, dialogam e reforçam os laços existentes entre si mesmos, e com os demais canudenses que estão na cidade de São Paulo, a passeio, ou para fazer uma cirurgia, ou para visitar a família. Nesta dimensão, o vai-e-vem entre Canudos e São Paulo continua, de forma recriada, reelaborada.

Além disso, algumas diferenças são marcantes no aspecto do viver o cotidiano na cidade. Como exemplo, vale destacar os espaços de moradia. Canudenses como José Dantas e Gilberto Nascimento ao chegarem iam morar com parentes, irmãos. Mudar de casa somente se mudasse de emprego, daí a necessidade de morar próximo ao local de trabalho. Após anos e anos de trabalho, Gilberto organiza um espaço de moradia para si e seus irmãos. Ao se fixar num bairro, desenvolve uma luta para garantir que seus familiares estejam próximos: “*Eu tenho quatro irmãos aqui em São Paulo, dois são vizinhos, parede e meia e outro mora aqui perto*”.

Outra maneira de se constituir na cidade se destaca a partir das narrativas de Roberto dos Santos. Este canudense reside em um espaço chamado por Antônio Pereira de “vila” e por Leonildo Rodrigues por condomínio dos canudenses¹⁰. Trata-se de um espaço que possui na entrada, um portão grande de ferro que comporta dentro de um terreno quatro casas e no fundo do quintal, mais cinco casas. São ao todo nove famílias moradoras, num total de 30 pessoas. São na maioria, amigos, solteiros e todos da cidade de Canudos.

⁹ PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral”. In: *Projeto História* n. 15, Educ, São Paulo, 1997.

¹⁰ O uso do termo condomínio pode ser considerado a partir da vivência na cidade num campo de conflitos. A expressão foi, em certa medida, apropriada/recriada pelos canudenses, dando um sentido próprio a organização de moradia destes. É um ponto de destaque para se perceber um mecanismo social inovador do grupo, onde é possível aferir uma nova forma de moradia coletiva criada por eles.

Segundo as narrativas dos que ali moram, trata-se de um terreno de área manancial. Possui luz elétrica e se localiza ao lado da represa de Guarapiranga, na Zona Sul da cidade de São Paulo. No início da construção das casas, a prefeitura embargou a obra, porém, o problema foi resolvido e hoje eles pagam impostos, sendo, portanto “tudo oficial”.

Um aspecto destacado por todos os canudenses entrevistados diz respeito a dificuldade de se conseguir uma residência própria, ou “sair do aluguel”. Para os moradores do “condomínio” este problema foi resolvido, pois até existir este espaço, a prática era morar com parentes, primos, irmãos, e quando o grupo ia crescendo, ia desmembrando, separando, ou concentrando todos na casa de um parente onde a casa comportasse. Neste sentido o lugar de moradia era o grande problema a ser enfrentado por estes.

A experiência de morar em grupos, ou morar num espaço comum, de forma coletiva e cada um em sua casa, pode ser compreendida como uma alternativa de moradia que os canudenses mais jovens conquistaram. Formaram uma vila de canudenses. São casas pequenas, que eles, aos poucos foram construindo, colocando móveis e comprando utensílios.

Se para os mais antigos esse problema da moradia era impossível de se resolver, somente após anos a fio de trabalho, FGTS, para os mais jovens houve possibilidade de resolução num curto espaço de tempo.

Neste processo de conseguir espaço próprio de moradia, foram criando novas formas de sociabilidade, tendo presente conflitos e tensões entre eles mesmos. Tratava-se de conflitos entre canudenses que chegavam de Canudos e canudenses já residentes em São Paulo, bem como os conterrâneos que residiam em Canudos. Não se trata de uma discussão a respeito de definir “quem mora com quem”, mas da opção dos mais jovens em ter além de um espaço próprio, um estilo de vida diferente, de assumir prioritariamente a construção da casa própria para sair do aluguel e assim, ter uma vida independente, não residindo mais com irmão, primo.

Ao conhecer o “condomínio”, ir de casa em casa para conversar com este grupo, tive a impressão de ser esta uma experiência criativa de convivência bem diferente da vivida em Canudos. Pode-se pensar que este grupo, de certa forma, reelaborou uma outra forma de vida. Eles se inseriram na própria dinâmica que escolheram, e ao mudar a maneira de viver, mudaram também a si próprios. Não se trata de uma acomodação, mas um processo de reelaboração de um modo de vida, construído coletivamente, com significados comuns. Talvez uma maneira diferente de se firmarem em São Paulo.

Ao andar pelo condomínio, permanecer um pouco no quintal, subir na laje de uma das casas, ver as árvores frutíferas que existem no terreno, ver as pessoas se movimentando

normalmente dentro dos seus espaços, foi possível analisar esta reelaboração, mudança que não aconteceu de forma brusca e repentina, e o modo de viver deste grupo de canudenses traz marcas do jeito de viver que tinham em Canudos.

Esta nova forma de morar alterou a visão de como se organizar e viver na cidade. Mudou de certa forma, a vida das pessoas, visto que ali existem melhores condições de vida para eles do que em Canudos, e, no entanto, permanecem códigos que indicam uma “continuidade” ou elementos presentes na maneira como se relacionavam em Canudos. Como exemplo, destaca-se que os que ali residem tecem elogios pra o espaço, conquista de todos, fruto de suas lutas e ao comentar sobre o que é mais importante, a evidência ocorre no aspecto de existir um quintal, onde cada um tem sua casa, todos se juntam para realizar atividades, fazer comidas coletivas, se ajudarem, etc...

Nesta dimensão, mais que uma transição brusca, foi possível sentir um “continuum gradual”¹¹ onde se pode perceber formas de vida que mesclam elementos culturais do público e do privado, costumes da vida interiorana de Canudos, com maneiras modernas apreendidas em São Paulo. O local mais importante do condomínio para eles, é o quintal. Ali mulheres alimentam seus filhos, pessoas conversam em voz alta, de uma casa para outra, rapazes bebem, dançam e brincam no meio do quintal com musica alta. O quintal é um espaço de todos, eles se encontram, conversam, enfim, pode ser o espaço público que é de todos e nele, as mulheres fazem suas tarefas tais como alimentar filhos, pedir condimentos á vizinha, lavar roupa e estendê-las à vista de todos, entre outras tarefas. As casas possuem eletrodomésticos que não possuíam quando em Canudos.

O que mudou para estes jovens canudenses após a mudança pra São Paulo e residindo no “condomínio”? Uma diferença fundamental para Roberto Santos é o próprio ritmo de vida:

Eu trabalho durante o dia, estudo a noite. Acordo as 5:30 e vou para o serviço, aí vou pra escola e volto meia noite. É muito corrido, por isso é diferente da Bahia. Lá quando marca sete horas da noite a gente já está dormindo, e só no final de semana que a gente dorme mais tarde. È por isso que a gente sente, é diferente mesmo.¹²

As diversas formas de morar destes canudenses não podem ser entendidas separadamente. Todos moravam sob a tutela dos pais em Canudos, ao mudarem para São Paulo, passaram a viver com tios, primos, irmãos. Os mais jovens, no ano 2000, reconstruíram uma forma diferente de morar, implicando uma nova maneira de se relacionar com a família. A vida ficou mais dinâmica, com liberdade, novas responsabilidades.

¹¹ PORTELLI. Alessandro. Dividindo o mundo. O som e o espaço na transição cultural. In: *Projeto História*. N. 26 Educ, São Paulo, 2003.

¹² Entrevista realizada por Telma Bessa, dez/ 2003.

Os canudenses referidos anteriormente, José Macedo, José Dantas, Gilberto Nascimento, Roberto Santos e Leonildo Rodrigues participam de uma “rede” tecida por eles mesmos e outros mais. Ela é conforto, segundo narrativas que afirmam ser prazeroso encontrar os conterrâneos, saber de um e de outro porque ajuda a enfrentar a vida. Saber que pertencem a um grupo, que podem contar com alguém em situação de precariedade, que pode confiar nos amigos, ter casas para visitar, amigos para ir ao baile, um churrasco.

Na afirmação de ser canudense vale destacar esta experiência que demonstra a dinâmica criativa do grupo nas relações sociais. Neste sentido é importante considerar como se torna fundamental o espaço em que eles moram, observando a afirmação de um antropólogo MAGNANI ao indicar “*O lugar de moradia é que congrega as pessoas permitindo relações duradouras e pessoais constituindo a base da particular identidade construída no “pedaço”*”¹³.

Diante desse movimento de constituição do ser canudense, constata-se que a construção deste grupo perpassa a conquista do seu espaço, do seu trabalho, bem como sua afirmação enquanto canudense. Neste processo, conquistaram espaços e nestes, se reconhecem e elaboram referenciais para manutenção de suas práticas culturais. Desta forma, é importante pensar esses sujeitos que se apropriam de ambientes e se instituem na busca de reconhecer em seu cotidiano, seus costumes e um jeito diferente de “tocar” a vida. Ao mesmo tempo vão recriando um núcleo onde se encontram, se ajudam, vivem e se fazem a partir da marca de ser canudense.

Pensar desta forma significa pensá-los hoje em seu dinamismo e criatividade, suas múltiplas falas, memórias, bem como os sentidos que atribuem à vida em São Paulo e a si mesmos.

BIBLIOGRAFIA

MAGNANI. José Guilherme. *Festa no pedaço*. São Paulo, Ed. UNESP, 1998.

PARDINI. Maura Bicudo Veras. *O bairro do Brás: um século de transformações no espaço urbano ou diferentes versões da segregação social*. Tese de doutorado, São Paulo, PUC/SP.

PORTELLI. Alessandro. Dividindo o mundo. O som e o espaço na transição cultural. In: *Projeto História*. N. 26 Educ, São Paulo, 2003.

PORTELLI. Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral”. In: *Projeto História* n. 15, Educ, São Paulo, 1997.

¹³ MAGNANI. José Guilherme. *Festa no pedaço*. São Paulo, Ed. UNESP, 1998.